



SIMININO: O ENCONTRO COM A EXPERIÊNCIA ATRAVÉS DAS AULAS DE TEATRO PARA ALUNOS UNIVERSITÁRIOS

SIMININO: THE ENCOUNTER WITH EXPERIENCE THROUGH THEATER CLASSES FOR UNIVERSITY STUDENTS

Peterson Ferreira de Oliveira¹
Graduando em Licenciatura em Teatro pelo IFFluminense

Maria Siqueira Queiroz de Carvalho²
Coordenadora dos projetos Siminino no IFFluminense

RESUMO

O presente artigo propõe relatar a experiência vivida pelos autores durante a ministração de aulas de teatro para alunos universitários através do projeto extensionista Siminino, que está vinculado com o curso de Licenciatura em Teatro dentro do IFF campus Campos Centro, em Campos dos Goytacazes-RJ. Relatando as observações expressadas pelos educandos, que participaram do projeto, durante as rodas de conversas ao final da oficina, sendo analisada a lógica mercadológica e utilitarista que vivemos em contraponto com a percepção qualitativa e sensível que o Teatro proporcionou durante as aulas oferecidas. Alinhando com as ideias expressadas por Prentki(2011) e Larrosa(2002), propõe-se a importância do brincar a partir da noção de experiência, na relação com as demandas capitalistas que ainda fundam a sociedade atual, tanto no mundo do trabalho quanto na área acadêmica. Concluindo-se com a percepção de que durante as oficinas, o Teatro foi um potencializador para trazer do estado de presença e de atenção para consigo, com o outro e o espaço, configurando metaforicamente um suspiro em meio à lógica produtivista, que consequentemente e perniciosamente, se reflete no ambiente universitário.

Palavras-Chave: Ensino de Arte. Teatro Educação. Teatro para adultos.

ABSTRACT

This article proposes to report the experience lived by the authors during the teaching of theater classes to university students through the Siminino extension project, which is linked to the Degree in Theater course within the IFF campus Campos Centro, in Campos dos Goytacazes-RJ. Narrating the observations expressed by the students, who participated in the project, during the conversation circles at the end of the workshop, analyzing the marketing and utilitarian logic that we experienced in contrast to the qualitative and sensitive perception that the Theater provided during the classes offered. In line with the ideas

¹ Formação técnica em Teatro no Centro de Formação Artística de Música, Dança e Arte Dramática. Graduando em Licenciatura em Teatro pelo Instituto Federal Fluminense *campus* Campos Centro (IFF). Participante no projeto de extensão Siminino desde 2022. <https://lattes.cnpq.br/8349748729123281>

² Formação técnica em Teatro na ETET Martins Penna (2008). Graduada em licenciatura em Teatro (2015) e Mestre em Ensino de Artes Cênicas (2020) pela Unirio- Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Desde 2017 como professora EBTT do Instituto Federal Fluminense, atuando no Ensino médio e superior, além de representação docente. Se interessa predominantemente pela área de encontro entre arte e educação, teatro para crianças e teatro aplicado (applied theater). <http://lattes.cnpq.br/9020854386129438>



expressed by Prentki(2011) and Larrosa(2002), the importance of playing is proposed based on the notion of experience, in relation to the capitalist demands that still found today's society, both in the world of work and in society. academic area. Concluding with the perception that during the workshops, Theater was a potentializer to bring the state of presence and attention to oneself, to others and to space, metaphorically configuring a sigh amidst the productivist logic, which is consequently pernicious mind, is reflected in the university environment.

Keywords: Art Teaching. Theater Education. Theater for adults.

O presente artigo destina apresentar um relato de experiência em um dos pólos do Projeto extensionista Siminino, ligado à Licenciatura em Teatro do IFFluminense, tendo como objeto a metodologia das aulas de teatro oferecidas para universitários do município de Campos dos Goytacazes-RJ, que não fossem do curso de Graduação em Teatro, ministradas pelos autores. O debate se entrelaça com a perspectiva das aulas de teatro como possibilidade de válvula de escape para os participantes (KOUDELA, 2005, p.148) na sociedade capitalista, qual, causa alguns desafios para a quebra estrutural.

Os Projetos Siminino são um conjunto de projetos de pesquisa, extensão e cultura fomentados pelo IFFluminense e pela Prefeitura Municipal de Campos dos Goytacazes que alicerçados no tripé ensino-pesquisa-extensão, têm como objetivos a democratização do acesso à linguagem teatral para diversos públicos da cidade de Campos dos Goytacazes-RJ e a qualificação da formação docente dos graduandos do curso de Licenciatura em Teatro, no Instituto Federal Fluminense *campus* Campos Centro, que atuam como bolsistas ou voluntários, na ministração autônoma e supervisionada de oficinas teatrais para a comunidade local. A supervisão ocorre na forma de reuniões pedagógicas semanais. A proposta pedagógica tanto das aulas quanto das reuniões se ancora nas bases teóricas do Teatro Comunidade e Teatro Aplicado, portanto, dialoga com as questões inerentes às vivências do grupo e à localidade.

Os Projetos Siminino atuam desde 2018 com essa metodologia, coordenados pela professora Maria Siqueira. Em 2024, os projetos vêm atuando com três polos,



sendo: 1) Em um bairro afastado do centro da cidade, em Ururaí, desenvolvido com crianças do 3º ao 5º ano da Escola Municipal João Borges Barreto no turno da manhã, sendo as oficinas em contraturno para grupo de interesse; 2) oficinas de Teatro realizadas para jovens da cidade que estejam cursando Ensino Médio, sendo estas ministradas dentro do Instituto Federal Fluminense (IFF) *campus* Campos Centro; 3) e a mais recente, uma turma voltada para pessoas com 60 anos ou mais, também acontecendo dentro do *campus* Campos Centro do instituto.

Além dessas, os Projetos Siminino já atuaram com outros polos, sendo eles: a turma infantil no *campus* Campos Centro em 2018 e 2019, as turmas jovens que ocorreram em 2018 e 2019 no *campus*, em 2020 e 2021 de forma remota e se tornaram a turma para alunos de ensino médio à partir de 2022, a turma para mulheres em recuperação da adicção num abrigo em Campos dos Goytacazes em 2021, a turma para crianças em 2023 na cidade de Conceição de Macabu-RJ, com aulas ministradas para alunos da Escola Estadual Municipalizada Victor Sence, também afastada do centro urbano, e, por fim, a turma de 2023 cujos encontros aconteciam no *campus* voltados para alunos universitários da cidade de Campos dos Goytacazes, que não haviam cursado teatro no ensino superior. É a partir da experiência com esta última que será desenvolvido o presente artigo.

A escolha do público alvo da próxima turma que seria criada passou por muitas discussões durante as reuniões pedagógicas, levando em conta tanto o desejo e interesse dos bolsistas quanto o fato de que já havia três turmas em desenvolvimento, duas para crianças, sendo uma no bairro campista, Ururaí, e outra em Conceição de Macabu, e além dessas, a turma para jovens também já tinha iniciado suas atividades. Durante a existência dos Projetos Siminino, até o momento, haviam atendido, majoritariamente, o estágio da infância e da juventude, o que *a priori*, manteve a possibilidade de continuar no trabalho com essas faixas etárias.

Mas, durante esse tempo, analisaram-se as possibilidades, foram surgindo algumas questões durante as reuniões, através de percepções dos participantes do Siminino, como: aulas da Educação Básica com didáticas e metodologias retrógradas; o retorno positivo dos alunos do Ensino Médio integrado ao técnico do Instituto Federal Fluminense *campus* Campos Centro, sobre as aulas de teatro



(disciplina Artes), inseridas na grade curricular extensa e tecnicista; e, a diferença de postura e oratória entre educandos da Licenciatura em Teatro e de outros cursos do IFF *campus* Centro, durante apresentações de seminários e eventos.

A partir desses questionamentos e situações que foram levantadas durante as reuniões, emergiram reflexões sobre o papel que o teatro pode ter na matriz curricular de ensino, que segundo Prentki (2011):

Pois é através do jogo que aprendemos a viver como seres sociais e através da brincadeira que, começamos a exercitar nossa imaginação, através das interações entre o que é e o que poderia ser. Através da brincadeira, descobrimos a excitação criativa do vir a ser, da realização de possibilidades futuras. (PRENTKI, 2011, p.188).

Entendendo isso, decidiu-se que o público alvo para a nova turma seria de alunos universitários que não estivessem, ou tivessem cursado Teatro no ensino superior, com o objetivo de contribuir na formação acadêmica e pessoal, uma vez que a maior parte dos estudantes do ensino básico não acessam o teatro em sua formação e tal defasagem configura um déficit de diversos saberes, habilidades e competências que a aquisição dessa linguagem proporciona. Sendo possível encontrar no Parâmetros Curriculares Nacionais, de 1997, a colocação sobre a valia que há no desenvolvimento da socialização. Segundo o PCN:

Ao participar de atividades teatrais, o indivíduo tem a oportunidade de se desenvolver dentro de um determinado grupo social de maneira responsável, legitimando os seus direitos dentro desse contexto, estabelecendo relações entre o individual e o coletivo, aprendendo a ouvir, a acolher e a ordenar opiniões, respeitando as diferentes manifestações, com a finalidade de organizar a expressão de um grupo. (PCN, 1997, p.57.).

Entendemos que o contato com a linguagem teatral é essencial para a plena formação humana e, como tal, é importante que figure no currículo da educação básica, porém, considerando que não é a realidade da maioria, o projeto proporciona em caráter extracurricular as oficinas em formato de atividade extensionista por compreender a importância deste espaço de aprendizagem não só na tentativa de suprir - quer seja de forma paralela ou, no caso dos universitários, posterior à formação básica - uma defasagem do currículo, mas mais que isso, por compreender na teoria e verificar na prática a importância dos espaços não formais da educação. Segundo Gohn a educação não-formal:

capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Sua finalidade é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais. Seus objetivos não são dados a priori,



eles se constroem no processo interativo, gerando um processo educativo. Um modo de educar surge como resultado do processo voltado para os interesses e as necessidades que ele participa. (GOHN, 2006, p.29 e 30).

Então começou-se a divulgação nas universidades do município, como a Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF), no Instituto Federal Fluminense *campus* Guarus, e além, claro, da divulgação dentro do próprio IFF campus Centro, o que resultou em quase 40 inscrições. O primeiro ponto do relato é este: nunca ministramos aula alguma para 40 pessoas e o grupo finalizou o ano, após 6 meses de aula, com uma apresentação de 5 alunos. Esse número foi sendo modificado como uma montanha-russa, pois em um momento tínhamos uma turma muito cheia com 20 alunos, no outro, uma turma com dois alunos, e ao longo desse período foram aparecendo os motivos dessas ausências, e todos eles se resumem em um único: muitas demandas externas. Por muitas vezes, ao questionarmos sobre a falta nas aulas, tínhamos respostas muito parecidas, como: “Gostei muito da aula, mas estou com muitas disciplinas na faculdade.” ou “Infelizmente não poderei continuar, queria, mas não consigo vir sempre por causa do trabalho”. Ambas respostas refletem o acúmulo de atividades que a vida adulta leva o indivíduo a acumular, sobretudo, na vida de um universitário, tendo as responsabilidades acadêmicas, de trabalho, da própria casa e outras diversas responsabilidades que podem surgir, o que dificultou, e para alguns, impediu, o acesso à experiência, visto que segundo Larrosa (2002, p.23 e 24) o trabalho, e, também, o excesso de atividades na vida acadêmica, são um dos impeditivos para não experiência, pois:

Esse sujeito da formação permanente e acelerada, da constante atualização, da reciclagem sem fim, é um sujeito que usa o tempo como um valor ou como uma mercadoria, um sujeito que não pode perder tempo, que tem sempre de aproveitar o tempo, que não pode protelar qualquer coisa, que tem de seguir o passo veloz do que se passa, que não pode ficar para trás, por isso mesmo, por essa obsessão por seguir o curso acelerado do tempo, este sujeito já não tem tempo. (Larrosa, 2002, p.23)

Podendo ser identificado como esse sujeito, esse aluno, acredita que pode ser experienciado por fazer tudo a que se propõe. Mas a “experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca.” (Larrosa, 2002, p.21). Então, para que essa experiência os atravessasse, requer:



(...) um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (Larrosa, 2002, p.24)

E quando os alunos se permitiam essas interrupções e suspiros, experienciavam a aula, olhando para si e se reconectando. Sendo expressado ao final das aulas, na qual, acontecia como parte da aula, mas ainda como estratégia avaliativa, uma roda de conversa para dividirmos o que lhes passou durante o encontro e como eles se sentiram, como tiveram a sensação de estarem se percebendo pela primeira vez, permitindo sentir o próprio corpo e suas necessidades.

As falas trazem a reflexão a respeito do nosso momento histórico e da necessidade de resgate da nossa dimensão humana. Mariana Soares, egressa do curso e dos projetos Siminino, desenvolveu uma reflexão a partir do trabalho com a turma de mulheres em recuperação da adicção que dialoga com a experiência cá trazida. Baseada em Rubem Alves, ela argumenta que:

Ao analisar como a sociedade foi organizada, principalmente com a ideia de propriedade privada, Alves vai dizer que com o tempo perdemos alguns prazeres do corpo. Eles foram substituídos pela relação de posse. Pequenos prazeres como ver, ouvir, cheirar, sentir na pele passou a ser secundário. (Soares, 2022, p.16)

Mariana tece a reflexão em diálogo com Rubem Alves, o autor que nos ensina a importância do brincar como essência humana e finalidade última da nossa existência. O trabalho e a produção de meios - mais ou menos complexos - para sobrevivência seriam apenas necessidades básicas que permitiriam, nesta visão, o espaço-tempo para a produção simbólica e sensível.

Larrosa em acordo com Alves também nos fala do quanto a lógica produtiva inerente ao modelo capitalista dominou os espaços de produção de pensamento a ponto de atribuímos à escola - e aqui fazemos o paralelo com o ensino superior que atende a semelhante lógica - o papel de formar profissionais quando o que o autor entende é que só é possível produzir pensamento à partir da suspensão da lógica



utilitarista, defendendo que a produção material é meio, mas a produção reflexiva é sim, é finalidade máxima da existência humana.

Segundo os cânones clássicos, a fábrica é o oposto da escola: a escola é o lugar da contemplação, do ócio (*otium*, *scholé*), e a fábrica é o lugar da perda da contemplação (*negotium*, *ascholia*): a escola é nobre, a fábrica repudiável. Os filhinhos românticos dos fundadores de grandes indústrias ainda compartilhavam essa opinião clássica. Escolas e fábricas estavam separadas e se desprezavam mutuamente. Pelo contrário, enquanto os aparatos substituem as máquinas, torna-se visível que a fábrica nada mais é do que a escola aplicada, e a escola nada mais é do que a fabricação de informações adquiridas [...]. A questão decisiva é que na fábrica do futuro, fabricar significa o mesmo que aprender [...]. Em todos os lugares já surgem semelhantes escolas-fábricas e fábricas-escolas. (Flusser *apud* Larrosa, 2018, p.244)

A exposição permanente dos cidadãos à lógica utilitarista tende a anestesiá-los progressivamente à demanda da natureza humana da produção sensível da beleza e do prazer, seja ela na forma de arte, de construção reflexiva ou do brincar. Segundo Soares, “Rubem Alves cita os bufões e as crianças como exemplo de corpos livres, que são unidos pelo riso e pela irreverência.” (Soares, 2022, p.12).

Na experiência narrada por Soares, as mulheres tiveram dificuldade de brincar porque não entendiam as razões por trás disso. Muito semelhante à nossa experiência em que os universitários priorizaram atividades produtivas em detrimento das aulas de Teatro. Entende-se que em ambos os casos, os adultos convidados à prática teatral sem finalidade profissionalizante ou ganho financeiro, ou seja, ao Teatro como jogo e brincadeira, precisaram ser justificados para só então sentirem-se autorizados à participação.

A experiência seguiu se consolidando como espaço de respiro destes jovens adultos em sua rotina produtiva como um espaço em que a não produtividade e a finalidade única de conhecer-se, brincar e estar presente era o objetivo.

Ao final de cada aula sempre fizemos rodas de conversa e percebemos que cada encontro era importante, desafiando inclusive nossa perspectiva viciada pela lógica produtivista de que só é válido aquilo que culmina numa finalização. Muitos foram a poucos encontros e relataram o quanto foram válidas suas participações ainda que esparsas, como uma aluna do curso de Letras, a qual tinha mais de 50 anos, que devido a carga expansiva de seu trabalho externo precisou se retirar do projeto, mas expressou como a primeira aula da qual participou, a fez se reconectar,



percebendo seu corpo depois muitos anos, e, também, falas de alguns licenciados em Matemática, Ciências da Natureza e Letras relatando como foi possível, a partir de algumas aulas que participaram, encontrar novos horizontes na relação pedagógica com suas áreas. O projeto também contou com a presença de graduandos dos cursos de Enfermagem e Psicologia que, também, expressaram como as oficinas ampliaram suas percepções e atenção para com o outro, pensando no contato com seus futuros pacientes, tendo dois alunos de Psicologia que, também, começaram a sentir desejos de produzir curta-metragens após suas experiências com as aulas.

Ainda, tivemos a participação de estudantes dos cursos superiores em Engenharia da Computação e Arquitetura e Urbanismo nos diziam, ainda durante as rodas de conversa, que aquele fazer teatral os colocava em outros lugares e situações inesperadas fazendo-os a sair da “caixinha” que, geralmente, eram colocados, sendo, as oficinas, um potencializador criativo em seus processos. Além de todos esses alunos universitários que tivemos, também, tivemos a presença de uma aluna com Síndrome de Down, de 22 anos, que apesar de não estar no ensino superior, queria participar das atividades do projeto, e por esse ser o objetivo principal do projeto, não foi um impedindo a participação dela, e acabou sendo uma das poucas que conseguiu se manter até o final, sempre nos expressava a sua felicidade e o desejo de estar ali. E além de todas essas especificidades que nos relataram, fazendo interseção com suas áreas, havia sempre algo em comum: lá era um espaço confortável para se expressarem, sendo eles mesmos, sem julgamentos, como se tivessem voltado a serem crianças.

O que mais além dos relatos satisfeitos dos participantes devemos buscar? Percebemos que buscávamos manter uma turma e construir um produto artístico com ela e, por algum tempo, tal objetivo turvou nossa visão para ver o que já tínhamos que eram encontros proveitosos a cada semana.

Independentemente da oscilação de frequência, ao final do ano, realizamos uma apresentação teatral autoral com cinco participantes assíduas, todas mulheres, que mesmo diante de todas as suas atividades externas, conseguiram encaixar as aulas de teatro. Foi mais um dentre os muitos momentos importantes da nossa



construção com esta turma, visto, que nunca tinham feito teatro e se sentiram realizadas após experienciar a primeira apresentação de cenas delas, quais foram criadas por elas, juntas, durante as últimas aulas através dos jogos teatrais propostos. Baseados nos relatos, sabemos que a apresentação figurou como experiência ímpar na vivência de cada uma delas e teve especial relevância por ser um momento de genuína expressão do grupo.

Como considerações finais, deixamos a reflexão a respeito do quanto nossas expectativas e referências do que é sucesso de uma empreitada estão contaminadas pela visão utilitarista, produtivista e capitalista da sociedade em que vivemos, o que nos impede, ou tende a impedir, de ver o momento presente como o que ele é e não o que deveria, poderia ou queríamos que fosse. É por trazer-nos para o aqui e agora em contato conosco, com o outro e com o espaço que o Teatro é essencial e a experiência narrada foi importante não só para os participantes, mas para a construção pessoal e profissional dos bolsistas do projeto.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: arte / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997. 130p.

GOHN, M. G. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação, 2006, 14.50: 27-38.

KOUDELA, I. D.; SANTANA, A. P. Abordagens metodológicas do teatro na educação. Ciências Humanas em Revista, 2005, 3.2: 145-154.

LARROSA, J. Esperando não se sabe o quê: sobre o ofício de professor. Autêntica, 2018.

LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista brasileira de educação, 2002, 20-28.

PRENTKI, T. "Acabou a brincadeira: o teatro pode salvar o planeta." Urdimento, Florianópolis 17 (2011): 187-195.

SOARES, M.M. Corpo Brincante e Descorporificação: Uma experiência com mulheres adictas em recuperação em comunidade terapêutica. TCC. Instituto Federal Fluminense campus Campos Centro. Campos dos Goytacazes. 2022.